



“O PT nunca esteve num papel tão oficialista quanto nesta eleição.”

Merval Pereira

COLUNISTA DE “O GLOBO”

Sobre as eleições presidenciais de 2014

“Ela é a garantia, para todos os cidadãos, do acesso aos serviços.”

Ruy Martins Altenfelder Silva

PRESIDENTE DA FIESP

Referindo-se à mobilidade urbana

Anação, insatisfeita e desorientada, embora ainda difusamente

Márcio Garcia Vilela

Da Academia Mineira de Letras
marciogarciavilela@yahoo.com.br

Não há bem que sempre dure nem mal que nunca acabe

As palavras pronunciadas pelo senador Aécio Neves bem resumem o sentimento da maioria da nação, insatisfeita e desorientada, ainda difusamente, pela ausência saneadora de lideranças capazes de conquistar o poder como promessa missionária: “O país nos cobra, exausto e indignado, a necessidade de uma reforma política em que não haja qualquer espaço para convivência, aparelhamento, compadrio e desvios de condutas”.

Ao proferi-las em sítio cívico de Minas e do Brasil, o ilustre congressista interpretou a percepção ainda não cristalizada dos brasileiros descontentes, que esperam, indignados,

não um salvador da pátria, como lhes enfiaram com o instrumento do abuso da boa-fé, explorada muito além das mentiras sem peias pelos caminhos do logro, da enganação, da falta de escrúpulos e da indiferença a qualquer princípio de lealdade com o delegante do mandato político.

Nesse campo infecto e apodrecido, ambiente do vale-tudo, vão arrastando os terrenos limpos onde ocorre o debate em torno de realizar o bem de todos – o compromisso mais profundo e vinculante da representação popular. Desaparecem os homens e passam a reinar os bichos, como na fábula imortal de George Orwell.

No Brasil, não cabe mais o triste

fim dos acontecimentos ocorridos na “Granja dos Bichos”, nome mudado para “Granja do Solar” pelo governador Napoleão, conforme refere o narrador e autor: “As criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco”.

Quase 12 anos passados, o Brasil não dispensa, mas tampouco espera do poder que quer se eternizar as reformas mencionadas pelo ex-governador no 21 de Abril, na Ouro Preto do tempo, cujo significado se renova e se projeta todos os anos para o futuro. É

imperioso combater a convivência que outra coisa não é senão o envolvimento com o que é repellido pelo código de ética pública. Sem esse, nenhum governo se sustenta porque não merece respeitabilidade, acatamento e obediência; quando o malfeito, o crime de qualquer natureza, é admitido, desaparece a legítima autoridade.

Também o aparelhamento, além de exclusivista e antidemocrático, induz a administração pública, cuja neutralidade deve ser preservada, ao facciosismo, à confiança de impunidade e ao primado da irresponsabilidade. O compadrio é a consagração do “Mateus, primeiro os teus”, prática nojenta que faz do serviço público

um celeiro de vantagens indevidas; o desvio de conduta, de qualquer natureza e em qualquer nível, é sempre a praga que destrói os padrões de dignidade que devem ser apanágio do verdadeiro servidor público.

Tudo isso desemboca em devastador resultado: a disseminação do privilégio, pernicioso em si, desqualifica quem o prodigaliza e quem o recebe, e incita a população discriminada à descrença mortal dos valores democráticos, à formação do exército inconformado dos excluídos, à mesquinhez e ao esgarçamento da honra de governar. E humilha o povo, que não quer ser submetido.

Quarenta anos do fim de uma ditadura

Beto Vianna

Linguista
www.biologuagem.com

No cravo e na ferradura

Amanhã, 25 de abril de 2014, Portugal celebra 40 anos do fim de uma ditadura que durou 40 anos. Qual o significado de transitar de um regime ditatorial para um democrático? Melhor perguntando, qual a diferença entre ditadura e democracia?

Gostamos do governo do povo. Mas o que conhecemos por democracia sempre funcionou na intermediação entre os representados e as decisões tomadas. No jogo de uma sociedade de proprietários, em que só esses avançam no tabuleiro, é esperado que a representação seja menos que representativa. E isso não é uma distorção do conceito grego original. A democracia direta ateniense era restrita aos “homens livres”, como na República dos coronéis ou na América de Franklin. Em um 25 de abril, 2414 anos atrás, a oligarquia de Atenas deu um golpe apoiada por Esparta (a ditadura militar da época), sem uma lágrima derramada pelo patriado local.

A relação crucial é entre o Estado e interesses com bala na agulha, círculo que con-

serva no trono os atores de sempre. Universalizar o sufrágio democratiza a escolha dos representantes, mas não o mecanismo de decisão. É como o valor universal da fraternidade: útil apenas para os que são mais irmãos que os outros.

E a antidemocracia? Toda ditadura moderna serviu como antídoto a um revés no sufrágio universal. O que não é necessariamente ruim, pois pode romper uma hegemonia opressiva. E então chegamos ao século XX e aos fascistas e vemos que “não necessariamente ruim” é eufemismo, no mundo real, para péssimo. Ao fascismo europeu corresponderam as ditaduras latino-americanas de direita. Não é à toa que o 1º de abril, Dia da Mentira, seja o dia D do golpe militar no Brasil e do franquismo espanhol.

Aprofundaram-se as regalias de uns poucos pela supressão dos mecanismos de oposição, não só as eleições, mas a manifestação pública da opinião, instrumento último e útil, quando o povo sabe que vai malrepresentado. Tortura e assassinato são só

as cenas sangrentas do mesmo filme de terror. Sem querer atizar ânimos anticomunistas (ultimamente ressurgindo das tumbas), isso é bem diferente de um povo do Caribe que se governa ostentando os melhores indicadores sociais das Américas.

O que o Brasil lamenta nos 50 anos do golpe militar é correlato simétrico de se comemorarem os 40 anos do 25 de abril português. Ditadura posta, ditadura morta. Desvios mentirosos do caminho democrático, que sabemos ser bem menos que reto.

Do lado de lá como do lado de cá do Atlântico, podemos (sim, hoje podemos) ir à rua denunciar o confisco do Estado por gente que já comeu demais. As jornadas de maio lá, contra a Troika do Euro, e as jornadas de junho aqui, contra a privatária que vampiriza o transporte e outros serviços públicos. Gabriel García Márquez disse, comentando o 25 de abril, que “a situação de Portugal é parecida, com suas vantagens e perigos, com a de um país da América Latina”. Realista pra lá de fantástico.

Os sérios problemas da economia

Vítor Wilher

Economista
www.imil.org.br

Um cenário desafiador

O rebaixamento do rating brasileiro pela Standard & Poor's é como o aumento da temperatura do corpo. Sinaliza que algo não vai bem com o organismo. Nesse caso, com a economia brasileira. A soma de crescimento baixo, inflação alta, déficit em conta corrente em expansão, problemas de coordenação de políticas macroeconômicas bem como a não aprovação de reformas estruturais levaram à perda de credibilidade e desconfiância. A mudança promovida pela agência de risco, desse modo, apenas ratifica todos os sérios problemas vivenciados pelo país.

O rebaixamento que importa – pagar mais para rolar a dívida pública – já havia acontecido há algum tempo. As taxas de juros cobradas por títulos públicos de dez anos (NTN-B) dobraram no último ano. Isso mostra que os agentes elevaram o prêmio de risco do país, mesmo antes da revisão. E por esse critério explica-se o porquê de o mercado ter dado de ombros para a mudança da S&P: o fato já estava no preço há um bom tempo.

Mesmo com a nova avalia-

ção, o país ainda continua figurando como “investment grade”. A classificação importa porque, sem ela, grandes fundos de investimento não podem aplicar no país. Ou seja, a entrada de recursos, em um momento de elevação do déficit externo, se reduziria em alguns graus, acaso perdéssemos esse rating. É peremptório, nesse contexto, que a “febre” sinalizada pelo rebaixamento seja tratada a contento.

Dois conjuntos de coisas precisam ser implementados. O primeiro é uma mudança drástica no modo de conduzir a política econômica. É preciso garantir a autonomia do Banco Central, abalada desde agosto de 2011, quando reduziu juros por decisão do Planalto, e não por questões técnicas. Será necessário, igualmente, cessar a contabilidade criativa nas contas públicas, bem como interromper os empréstimos do Tesouro ao BNDES.

O segundo conjunto de medidas refere-se à aprovação de reformas estruturais. O mercado de trabalho com baixa ociosidade impede que o crescimento da economia seja impulsionado pelo fator traba-

lho. Será preciso, então, elevar o investimento e a produtividade da economia para sair dos 2% de crescimento ao ano. Para isso, simplificação de pagamento de impostos, simplificação da legislação trabalhista, possibilidade de investimentos privados na infraestrutura, dentre outros, sinalizam melhora no ambiente de negócios, o que gera aumento de otimismo das empresas e maiores possibilidades de crescimento no médio prazo. Foi exatamente o que fez o México, levando-o a ter seu rating elevado – e não reduzido – pelas agências de risco.

Acaso esses dois conjuntos de medidas não sejam iniciados a partir do próximo ano, a perda do “investment grade” é tida como certa. Menos entrada de recursos para uma economia com poupança cronicamente baixa elevará em muitos graus nossos já sérios problemas. Desse modo, ou o próximo governo reverte as medidas equivocadas dos últimos anos, ou o cenário macroeconômico será mais do que desafiador. Ele será claramente restritivo.

O TEMPO

ENDEREÇOS
Sede Comercial
Rua Pernambuco, 712 - Funcionários
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-151
Fone (31) 2138-3900 - Fax (31) 2138-3920
Web.: www.otempo.com.br
e-mail: comercial@otempo.com.br
Redação e Industrial
Avenida Babita Camargos, 1.645
Cidade Industrial, Contagem - MG
CEP 32.210-180 Fone: (31) 2101-3000

SERVIÇOS EDITORIAIS
The New York Times
AGÊNCIAS NOTICIOSAS
Associated Press, Agência Globo, Folhapress e Agência Estado

ATENDIMENTO AO ASSINANTE:
0800-703-4001 (interior)
(31) 2101-3838 (Capital e Grande BH)
Horário de funcionamento:
Segunda a sexta-feira: 7h às 19h
Sábado, domingo e feriados: 7h às 13h
E-mail: atendimento@otempo.com.br

FILIADO À ANJ
Associação Nacional de Jornais www.anj.org.br
IVZ
FILIAÇÃO AO INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO

PREÇO DA ASSINATURA: NORMAL MG (consulte nossas promoções)

Anual	Semestral	Trimestral
R\$ 492,00 à vista ou: 2 x R\$ 246,00 3 x R\$ 164,00 4 x R\$ 123,00 6 x R\$ 82,00	R\$ 246,00 à vista ou: 2 x R\$ 123,00 3 x R\$ 82,00 4 x R\$ 62,00	R\$ 123,00 à vista

ESCRITÓRIOS COMERCIAIS

SÃO PAULO
Avenida Jamaris, 100 - Sala 207 - Bairro Moema - São Paulo - SP - CEP 04.078-000
Fone/fax:
(11) 5531-3334 - (11) 5531-3336 - (11) 9935-3534
E-mail: rodrigo.simo@otempo.com.br

RIO DE JANEIRO
Bueno Comunicação - Av. Almirante Barroso, 63 - Sala 2012 - Edifício Cidade do Rio de Janeiro - Centro - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20.031-003
Fone: (21) 2524-5644 ou (21) 96968-2255
E-mail: barbara.bueno@buenocomunicacao.com.br e fbueno@buenocomunicacaodf.com.br

BRASÍLIA
Bueno Comunicação - SRTVS - Quadra 701 - Bloco O - Conj. 896 - Edifício Centro Multiempresarial - Asa Sul - Brasília - DF - CEP 70.340-000
Fone/fax: (61) 3223-6999 - (61) 8179-7215
E-mail: daniela.bueno@buenocomunicacaodf.com.br e fbueno@buenocomunicacaodf.com.br

ESPIRITO SANTO
Bueno Comunicação - Rua Professor Elpidio Pimentel, 409 - Sala 201 - Edifício Macondo - Mata da Praia - Vitória - ES - CEP 29.065-060
Fone/fax: (27) 3376-5095 e (27) 98129-0362
E-mail: violela@buenocomunicacaoes.com.br e fbueno@buenocomunicacaodf.com.br